Continuação do Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos

José Daniel Rodrigues da Costa

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Continuação do Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos

José Daniel Rodrigues da Costa

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

CONTINUAÇÃO DO

PORTUGAL ENFERMO

POR VICIOS, E ABUSOS

DE AMBOS OS SEXOS.

PART. II

DEDICADO AO SENHOR

JOSÉ LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANNA,

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820

Com Licença.

Em louvor do Autor, hum Genio dado ás Musas, bem conhecido, e muito applicado, mandou o seguinte

MADRIGAL.

Musa, (disse eu á gentil Clio hum dia)
Pois que ao jovial Josino
A palma déste da immortal Poezia,
Mimoso Dom Divino,
Com que louva a virtude, o vicio prostra,
E aponta as causas, e os effeitos mostra
Da decadencia nossa;
Dá-me tambem, que eu possa,
Cantando o Vate, que do Ceo nos veio...
«Basta (me torna Clio);
Suas obras, e não louvor alheio,
São o seu Elogio.»

Campelo.

Chama-se isto hum

PROLOGO.

Curioso Leitor, ou Ouvidor, que não te escandalizo neste segundo nome, porque tambem he de lugar de letras, consta este Folheto da Segunda Parte de Portugal Enfermo por vicios, e abusos: continúa na mesma critica, na mesma boa moral, e com a costumada jovialidade. Mas se ainda assim mesmo achares este Folheto sem sal, dá-lhe alguma desculpa; porque foi acabado agora, e por isso vai muito fresco. Primeiro que o publicasse, fui consultar (como costumo em todas as minhas Obras, seguindo o preceito dos nossos antigos Mestres) com talentos superiores aos meus, judiciosos, e de bom criterio, que com sinceridade me asseverárão que este Folheto levava vantagem ao primeiro. _Si ita est, fiat._

Não passárão de quatro até cinco genios mordazes, que não lhe podendo pôr outro defeito, forão publicando que a Obra não era minha, a ver se isto pegava, como pegou a moda do _Tiro-liro_ por toda a parte. Ora vejão Vossas Mercês, pelo amor de Deos, que tal ficaria eu quando mo disserão! A Obra não será minha; mas o primeiro Folheto imprimio-se, e reimprimio-se, e eu recebi o producto de mil e quinhentos Folhetos. Talvez que estes individuos campem melhor no público com cavallos emprestados, trastes, e dinheiros alheios, do que eu com versos de outrem! Nunca fui plagiario; antes os tenho encontrado de obras minhas: e desde a primeira, que imprimi, que foi a Obra dos Opios, ainda não mudei de estilo; porque me não acho com forças, para imitar os Guindados do tempo.

Leitor, o primeiro paragrafo pertence-te, o segundo pertence aos quatro, ou cinco Ruminadores, que com caracter de mal intencionados Zoilos, mastigão toda a qualidade de papel, como fazem os que enjoão pelo mar: e diz muita gente boa ser isto hum

remedio contra os enjôos; o que eu dou quasi por certo, porque já o vi verificado em varias Senhoras, que são as que enjôão no mar com mais facilidade.

Aqui acabou o Prologo de repente. Coitado! Ainda ha pouco tempo estava de perfeita saude! Que não somos nada neste mundo, este Prologo o prova; porque, tambem na minha estimação, tornou-se em nada, e foi-se sem se despedir no Latino idioma, como os outros Prologos fazem talvez por não entender mais.

Agora, Leitor, com ingenuidade dirás se a Obra em si alguma cousa

Vale em Portuguez.

PORTUGAL ENFERMO PELOS VICIOS, E ABUSOS.

Não sou Poeta de palavras crespas,
Com que alguns dão picadas, como vespas:
E no zunzum de termos exquisitos,
Só fazem o zunido dos mosquitos
Não escrevo por cifra, nem por cetra,
Nem sei fallar, senão ao pé da letra.

Do Autor.

Portugal, Portugal, não te conheço?
Vives esmorecido, e eu esmoreço,
Vendo-te com achaque tão profundo,
Que pouco já figuras neste mundo:
Perdeste toda a tua bizarria;

As familias perdêrão a alegria;
Todos andam de caras tristes, serias,
Não ouço senão prantos de miserias:
Ficarás só com casas, mas sem gente;
Pois muitos, de paixão, já vão morrendo;
Porque com a desgraça não podendo,
Caloteão, mendigão, degenerão,
E só na morte o seu descanço esperão.
Não se encontra em ti outro desafogo,
Que não seja o do jôgo, jôgo, jôgo,
Que he onde inda apparece algum dinheiro,
E já se faz officio de Banqueiro:
Nelle se encartão mais os ajudantes,
Socios olheiros, sempre vigilantes:
Qual rapaz, que nas terras põe gaiola,
Onde passaro mestre desenrola
Agradavel gorgeio, com que chama,
E as aves novas faz cahir na trama
Das varas enviscadas da costella:
Assim subtil Banqueiro arma a esparrella,
Sendo passaro mestre, que appresenta
De moedas em cruzios mais de oitenta,
Que estão chamando ao visco os coitadinhos,
Os quaes lhe vão cair, pobres patinhos!
Que quando o caso em sortes bem não corra,
O seu, e alheio vai tudo á desforra.
Hoje em qualquer função por essas sallas,
Depois do chá, escutão-se estas fallas:

A Senhora quer Ronda, ou quer Banquinha?
Vão se chegando a mãi, tia, e sobrinha,
E por desgraça (aqui fique entre nós)
Té para a Ronda vão mesmo as avós:
Quegilando o que tem cartas na mão,
Que a primeira inda deo, segunda não:
E se por hum acaso deo segunda,
Era vez de a pespegar recebe tunda;
Porque succede ás vezes, cousa rara,
Recolher inda menos que parára,
E attribue logo ao córte da velhinha
Ser a sorte com elle tão mesquinha.
Em outra sala estão tafues armados
De copos novos, grozas de bons dados:
Treze primeiro que oito, barro, topo:
Levou trez onças de ouro, passa o copo.
Busca para o passar qualquer aresto,
Que o parceiro não quer jogo de resto.

Dinheiro só se vê nestes combates,
E em cartuxos nas lojas dos rebates:
Ou seja em Baptizado, ou Casamento,
Função d'annos, ou outro ajuntamento,
Com outra qualquer cousa não se atina,
Vai-se seguindo sempre esta rutina;
Té depois de hum enterro huns enojados
Em casa do defunto os vi sentados
Jogando o Voltarete com franqueza,

Para se distrahir mais a tristeza.
Esta a paixão, que he hoje dominante,
E nisto he que a função se faz brilhante,
Sendo do Alcorão que no outro dia
Se murmure de quem nella perdia,
Dizendo-se: Fulano perdeo munto!
Cento e tantos mil reis tinha elle junto,
Em menos de huma hora, mas virou,
Perdeo o ganho, e a bolça despejou.
Hum Fulano de tal, que appareceo,
Esse quanto puxou tudo perdeo.
Cento e tantas moedas lá disserão,
Fóra cincoenta mais, que se não derão.

Aonde, Portugal, estão sumidos
Teus entretenimentos divertidos!
Aonde estão as Arias, as Modinhas,
Os Quartetos, que ao cravo sempre tinhas?
Os graves Minuetes bem dançados,
Pelas regras da Dança executados!
E no intrevallo a Dama mais discreta,
Dando o Mote engenhoso ao bom Poeta
Que em Sonetos, e Decimas galantes,
Parecião as horas huns instantes.
Estão divertimentos tão luzidos
A baralhos de cartas reduzidos;
Mas se julgas que nisso te confortas,
Verás que o jogo te ha de pôr por portas.

Portugal, Portugal! não te conheço!
De te vêr nesse estado desfaleço!
Quanto mais faltas vejo de dinheiro,
Mais vejo pôr-se o luxo de poleiro!
Até nos tratamentos tenho visto
Cousas, que fazem rir no meio disto.
Ninguem--Vossa Mercê--quer hoje em dia,
Hão de dar-lhe por força Senhoria:
E por maior nobreza, e mais decencia,
Já puxa a Senhoria huma Excellencia.
Tem este desacordo muita gente,
Mesmo sem nada ter com que a sustente:
Sem rendas, nem brazões, tudo devendo,
Desta aura popular se vão mantendo;
E a quem nesta mania assim se ceva,
Ninguem lhe vá lembrar Adão, e Eva.
E que direi dos _Dons_? parecem praga!
Em qualquer parte o _Dom_ nasce, e propaga.
Ha _Dons_ já muito velhos, outros novos,
Além dos _Dons_, que estão inda nos ovos:
E se a menina em prendas se affamou,
O _Dom_ sahe logo á luz, não se gorou.

Eu vejo pais ás filhas embutindo
A escolha de Convento, persuadindo
Que passa vida santa, e descançada
Quem vive no Mosteiro clausurada.
E caminhando vão por este trilho,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com